

**LEITURA: FORMAÇÃO E VOO EM *BALÃO CATIVO*****Ensaio sobre o livro *Balão Cativo - memórias 2*, de Pedro Nava, 1977****LA LECTURE: FORMATION ET VOL CHEZ *BALÃO CATIVO*****Essai sur le livre *Balão Cativo - memórias 2*, de Pedro Nava, 1977****LECTURE: FORMATION AND FLIGHT IN *BALÃO CATIVO*****Essay about the book *Balão Cativo - memórias 2*, from Pedro Nava, 1977**

ANTUNES, Danielle

Resumo: Este ensaio aborda o tema da formação humana através da leitura, na obra memorialística de Pedro Nava, *Balão Cativo*. Seguiremos o percurso de descobertas literárias do autor em sua infância e juventude, e de como a leitura deixou marcas indeléveis em sua memória e formação: pelas veredas da leitura, Pedro Nava alça voo e nos convida a embarcarmos juntos em seu *Balão Cativo*.

Palavras-chave: Leitura. Formação humana. Pedro Nava. Memórias. Balão Cativo.

Résumé: Cet essai aborde le sujet de la formation humaine par la lecture, chez l'oeuvre memorialistic de Pedro Nava, *Balão Cativo*. Nous suivrons le parcours de découvertes littéraires de l'auteur dans leur enfance et jeunesse, et comme la lecture a laissée des traces indélébiles dans leur mémoire et formation : par les sentiers de la lecture, Pedro Nava décolle et invite nous à embarquer ensemble chez leur *Balão Cativo*.

Mots-clés: Lecture. Formation humaine. Pedro Nava. Mémoire. Balão Cativo.

Abstract: This essay approaches the theme of human formation through reading, in the memorialistic work of Pedro Nava, *Balão Cativo*. We will follow the course of literary discoveries of the author in his childhood and youth, and how the reading left indelible marks in his memory and formation: through the paths of reading, Pedro Nava takes flight and invites us to embark together in his *Balão Cativo*.

Key-words: Lecture. Human formation. Pedro Nava. Memories. Balão Cativo.



1. E começa a viagem...

Do caos foi ordenado o cosmos. Do caos das lembranças, saudades, Pedro Nava ordenou suas memórias. E todo o mundo ordenado numa cosmovisão memorialística. Numa vida, um mundo, um livro: *Balão Cativo*. Patchwork infinito de tudo que se vive – entre a vida e a morte, o céu e as profundezas da terra. Nas letras de Pedro Nava fazemos uma viagem ao passado e por diversas e incontáveis nuances de visões, cheiros, sabores, alegrias e dores das coisas da vida.

Se navegar é preciso, navegando nas memórias de Pedro Nava descobrimos a necessidade fundamental de se escrever e reescrever a vida. Vida vivida uma, duas, três, muitas e muitas vezes ao ser solicitada pela memória. Lembranças que podem ser ruins ou boas, de acordo com os olhos e o julgamento de quem e de como as recorda. É o que Pedro Nava nos ensina.

Ao mergulhar em *Balão Cativo* saboreia-se as tristezas e as belezas que formam a vida de um homem, um grande homem: Pedro Nava, que cedo já conhecia “(...) a vida em suas verdades essenciais e estava pronto para a transida solidão da poesia. Vai Pedro! Toma tua carga nas costas e segue.” (NAVA, 1977, p. 85).

O novo que surge a partir do envelhecido. A fênix que renasce das cinzas do passado. E assim se torna possível não apenas avaliá-lo, mas revisitá-lo, recriá-lo e deleitar-se com ele.

Do que se passa durante toda uma vida é que se forma o ser humano: ser formado finalmente somente ao findar de sua vida. O que forma o ser humano? O sim e o não, o ter e o não ter, o nascer e o aprender a morrer. Também a escola, as aulas, os professores, bem como seus corredores, pátios e os colegas. As conversas e as leituras. O que educa e o que deseduca. Tudo potencialmente rico em formar o humano. Por dentro e por fora. É o que Pedro Nava revela sobre a formação humana em *Balão Cativo*. Porém, na formação de Pedro Nava, um elemento se tornou essencial: a leitura.

2. A subida do balão

A leitura povoou a vida de Nava: imaginação, fantasias, desejos, personagens, viagens, pensamentos e palavras mil. E o início desta aventura ficou nitidamente marcado em sua



memória da infância em Belo Horizonte quando, ainda no Colégio Anglo, recebera um livro de Mr. Jones. Foi presenteado por Mr. Jones como um pedido de desculpas e de compreensão diante de uma grande vergonha que havia lhe feito passar anteriormente, no campo de futebol do colégio Anglo, quando - por insistência do Mr. Jones que não aceitou sua falsa justificativa de dor na garganta - ao adentrar com seu calção de futebol “diferente”, foi ridicularizado pelos colegas, o que lhe rendeu a humilhação e o apelido de “o calção do Saracura”. Assim ele conta: “À noite, um Jones desajeitado (fazendo que não tivera a indiscrição de adivinhar) decidiu meu destino quando chegou-se à minha carteira e entregou-me o livrinho. Read it, Pedro, it’s a very, very beautiful. Se era e quanto...” (NAVA, 1977, p. 124).

O encantado livro *The Grateful Mouse Princess or Rooster, Pouletta and Cluckeglinda*, além de batizar o destino de Nava, também selou um profundo sentimento de amizade deste por Mr. Jones: “Guardo até hoje, desmerecido, todo bichado, o presente do meu inimitável Mr. Jones – como lembrança do lúcido instante de comunicação que tivemos e da amizade que lhe dei ali – sem reservas e para sempre.” (NAVA, 1977, p. 124).

Nava, através destas palavras de gratidão por Jones e de encanto pelo livro, demonstra desde cedo seu gosto pelo saber e pela leitura. Também revela seu especial apreço por cada personagem que fez parte da história real de sua vida. Recorda com minuciosidade cada detalhe do mundo que o cercou, e é com especial atenção que descreve suas impressões do primeiro dia de aula no Anglo.

Ao falar do primeiro recreio, bem se lembra dos professores indo para a sala de jantar, passando com suas becas de diferentes estilos, de acordo com o local de formação de cada um, como também dos trajes e estilos daqueles outros que não estavam de beca. O caso é que ao soar do sino tocado por Jones, convocando os meninos para o refeitório, Nava teve mais um sutil momento de deleite literário, ouvindo pela primeira vez o nome de grandes pensadores da humanidade.

[...] Sadler na sua glória. Tinha na mão caderno encapado de couro preto. Abriu e leu. Eram períodos curtos, breves sentenças, frases aforismáticas, máximas de moral, pensamentos filosóficos, casos edificantes, situações exemplares que ele declamava e comentava. Dai-nos, Senhor! o pão



espiritual de cada dia. Foi ali que ouvi pela primeira vez os nomes de Bacon, Montaigne, Rousseau, Catão, Pascal e do nosso Marica. (NAVA, 1977, p. 131).

“O pão espiritual de cada dia”, foi como Nava denominou este momento de fruição literária que recebia de seu mestre, e com grande apetite. Porque a leitura não alimenta o corpo, mas o espírito. Fortifica-o, fertiliza-o, criando assim oportunidades para que possam nascer, dentre tantos sonhos, grandes escritores, como Pedro Nava o foi.

Retornando ao episódio dos jogos de futebol e a vergonha que passara por causa de seu traje, foi esta a razão que Pedro Nava apontou como a causa de sua introversão para a leitura, a contemplação e o isolamento:

À hora em que todos desciam para o campo, eu ficava para trás e me sentava no meio da escada de cimento que conduzia a ele. Quando levantava a cabeça e deixava meus personagens de ficção, via, agitandose embaixo, meus companheiros de infância. O Tempo tornou-os irrealis e esbatidos, matou porção deles – mas não pôde prevalecer contra os heróis daquelas páginas – sempre na mesma e cada vez mais vivos. (NAVA, 1977, p. 142).

A partir dali, Nava começara sua grande aventura pelos mundos literários, se entregando à leitura e vivenciando cada situação de forma intensa. As leituras tornaram-se cada vez mais constantes, partindo do *Tico-Tico*, passando pelos jornais diários, os quais já não lhe bastavam mais e sendo prontamente devorados, e chegando assim aos livros da “biblioteca” do colégio. Bem, não era bem uma biblioteca, mas sim um armário do corredor de entrada dos aposentos do diretor, onde Sadler colocara livros que pudessem interessar aos meninos.

Foi ao utilizar os livros do armário-biblioteca que Nava aprendera, ouvindo as recomendações do Rose (o qual possuía as chaves do armário), como cuidar dos livros:

[...] não sujar, não riscar, não forçar a costura, não dobrar o canto das páginas. Jamais esqueci, desde então, de tratar bem os livros – nossos escravos da lâmpada, amigos de sempre, senhores despóticos de nosso tempo. O mundo foi se abrindo para meus onze anos e multidões passaram a desfilar diante de meus olhos. (NAVA, 1977, p. 143).



Nava aprendera a amar os livros. A leitura. Os prazeres e sabores dos saberes. Cita seus introdutórios autores: Pompéia, Bulwer-Lytton, Henrik Sienkiewicz, os Robinsons, o “nosso” José de Alencar, Mayne Reid, Júlio Verne... Leituras sempre à luz do sol, “O sol, cujo disco declinava”... E foi ali, contemplando o pôr-do-sol em uma dessas tardes, que Pedro Nava deitou-se na terra e possuiu o poente com todos os seus tons e formas dos céus de Belo Horizonte. Não viu o tempo passar. Quando se deu conta já era quase noite e o campo estava vazio. Todos já estavam sentados no refeitório. Pensaram que Pedro Nava havia fugido, pois já haviam ido lhe procurar. Ao fim da refeição o diretor intimou Pedro Nava, para que estivesse em seu escritório às oito horas em ponto. Pedro sucumbiu em um precipício de medos. Tanto medo que decidiu fazer-se de esquecido, para ver se Mr. Sadler esquecia também. Medo de ser expulso, de como ficaria sua mãe diante de uma expulsão. Deitou-se tremendo de medo e fora adormecendo quando ouviu o estalar das escadas. Jones e Westerling foram intimar o fugitivo. Não teve outro jeito, teve que ir. Tonto de medo, Nava surpreende-se: o diretor estende-lhe um livro aberto na primeira página e com uma dedicatória: “From J.T.W. Sadler to Peter Nava, for good progress in English”. (NAVA, 1977, p. 145).

Era mais um livro na vida de Nava: seria este gesto dos educadores apenas um estímulo, ou um reconhecimento, por parte dos mestres do colégio, das aptidões literárias de Nava? Esta questão paira no ar - afinal, quando a leitura nos atravessa, e modifica o nosso destino? - porém, o fato é que Pedro Nava devorou mais uma vez um livro.

Devorei os mitos antigos inspirados ao homem por sua descoberta da Natureza. Li, reli, tornei-me insaciável e, quando acabei todos os livros das duas primeiras prateleiras da estante, passei-me à terceira e à quarta, onde só havia tomos iguais, enormes, atochados, encadernados em percalina verde, impressos num papel grosso e macio como mata-borrão. E ilustrados. Tinha de todas as literaturas do Mundo. Era a “Biblioteca Internacional de Obras célebres.” (NAVA, 1977, p. 146).

Outro momento de leituras também marcou sua vida: era quando, após o jantar, iam para a sala do estudo, não propriamente para um estudo, mas para uma reunião do grupo, onde a cada noite um dos professores propunha uma atividade: ou reexplicava alguma coisa das lições, ou repassava algum ponto das aulas, ou conversavam, ou solicitavam que algum dos meninos lesse



em voz alta um romance, uma história, um poema, um trecho de geografia. Mas Nava, gostava mesmo era quando chegava a vez do Chagas:

[...] o Chagas vinha uma ou duas vezes por semana presidir o estudo da noite. Esperávamos essa oportunidade ansiosamente, porque ele trazia sempre um livro para ler alto para nós. Lia bem, usando os recursos de sua bela voz e sua mímica nada ficava a devendo à sua declamação. Parece que fazia essas leituras muito para seu próprio deleite, mas, assim como assim, foi quem me iniciou literariamente. (NAVA, 1977, p. 165).

Por causa das leituras do Chagas, Pedro Nava veio a conhecer os *Contos* de Eça de Queirós, os quais ouvia deslumbradamente. Assim Nava demonstra grande gratidão por Chagas nas palavras: “Muito obrigado, meu caro Chagas – Moacir Lafaiete Macedo Chagas, muito obrigado! pelos batentes que você me abriu do mundo queirosiano...” (NAVA, 1977, p. 166).

3. O voo

E então Pedro Nava parte de Belo Horizonte para morar no Rio de Janeiro, do Anglo para o Internato do Colégio Pedro II, da infância para a adolescência. Pedro vai morar com seus tios, tia Alice e tio Salles, e eis que se depara com seu novo quarto, o escritório do tio Salles, onde encontrou-se, mais uma vez, com os grandes amigos, os livros: “As seis estantes chegando quase ao teto, suas tábuas vergando ao peso daquele mundo de livros.” (NAVA, 1977, p. 190). Pedro Nava transcreve uma epígrafe nesse momento do *Balão Cativo* (1977, p. 190):

Leu tudo, sem ordem, sem processo e sem medida.
(VIANA MOOG: *Eça de Queirós e o Século XIX*)

“FOI ASSIM QUE EU LI. Seguindo o exemplo de tio Salles que tinha imitado, sem saber, o que fizera Eça de Queirós. Diante da livraria que se me oferecia tal qual um mar oceano – mergulhei! E me senti logo como peixe n’água.” (NAVA, 1977, p. 190).

Foi assim que Pedro Nava leu e mergulhou no transbordante mar da leitura dos livros do tio Salles. E cita os nomes de seus novos companheiros-autores-livros: Charlotte, Emily, Defoe,



Dickens, Ruskin na literatura inglesa, na poesia inglesa Byron, Shelley, Tennyson, Longfellow, Walt Withman. Também foi apresentado à Camões, Camilo, Fialho, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, ao luso-brasileiro Gonçalves Crespo, aos brasileiros Lima Barreto, José Veríssimo, Sílvio Romero, Raimundo Correia, Coelho Neto, Artur Azevedo, Aluísio Azevedo, Afonso Celso, Bilac, Taunay, Nabuco, Machado de Assis. Além de todos estes, ainda tiveram os livros passados à vista de arqueologia, biologia, sociologia, crítica, história, botânica, religião, filosofia e gramática. Tudo isso em várias línguas. Um verdadeiro banquete livresco. Dieta plenamente incentivada pelo tio Salles, seja qual fosse a escolha que apetecesse à Nava, o que tio Salles mandava era que ele lesse.

Tudo era sagrado porque tudo era letra impressa. Foi assim que eu li. Meio pantagruelicamente, muitas vezes começando pela sobremesa, acabando pela sopa; comendo peixe com vinho tinto e entornando do branco na cambulhada dos assados. Entretanto, devorando, digerindo e esquecendo. (NAVA, 1977, p. 190).

Dessas fartas refeições literárias, Pedro Nava escreve sobre a incorporação de tais leituras, que passam a formar parte de seu organismo numa analogia com os alimentos, e a formar o seu espírito enquanto saberes:

Não falo de esquecimento como perda mas de esquecimento como assimilação. Destruição das formas oferecidas e arquivamento de suas frações nos recônditos mais profundos da memória, para a recriação de outros módulos agora nossos. Tal qual bife digerido que vira os aminoácidos do metabolismo intermediário que vão se reagrupar nos músculos, nervos, unhas, cabelos. Na carne, agora nossa. (NAVA, 1977, p. 190-191).

Estas são as lembranças marcadas na carne e trazidas na memória através dos livros. E em sua adolescência primeva, Nava nunca havia visto tantos livros como na biblioteca do tio Salles. Amigo memorável e inesquecível mestre, tio querido Salles. Foi também nas excursões com o tio Salles pela cidade do Rio de Janeiro que Pedro Nava conheceu a ilustre livraria Garnier: “[...] entremos na Garnier. Tio Salles tinha me prevenido e me preparara para ela e para a Rua do Ouvidor, fazendo-me ler, de manhã, o Tempo de Crise e quando subi os degraus da

livraria, fi-lo com a esperança de dar de cara com o próprio Machado de Assis.” (NAVA, 1977, p. 204).

Fig. 1 - Foto: Livraria Garnier (inaugurada em 1844)



Fonte: Arquivo O Globo¹

“Podia-se dividir a loja em três partes. Duas seqüências de estantes – as mostras laterais e a banquetta do centro. Lembro até o lugar dos livros. Durante anos a arrumação conservou-se a mesma, para conforto dos fregueses que sabiam onde achar o que queriam.” (Nava, 1977, p. 204).

Ali na Garnier, Nava teve a oportunidade de ver ao vivo diversos escritores e poetas, os quais ele viu ainda menino: “Eu vi a Garnier de outrora e nela entrando e saindo gente virada em pó – pó feito o que cobre seus nomes nas lombadas dos livros, nas estantes.” (NAVA, 1977, p. 205).

Ainda nas excursões pela cidade com o tio Salles, outro lugar marcante que conhecera foi a Casa Crashley, loja onde havia grande diversidade de artigos ingleses, desde sabonetes e águas de *toilette*, à fumos, isqueiros, artigos para esporte, revistas e até mesmo livros. Os livros mais funcionais que Pedro já conhecera, pela flexibilidade, forma, papel, impressão e pelo couro das encadernações, os livros da Collins’ Clear-Type Press, London e Glasgow. Lembra-se

1

Disponível em: <http://noblat.oglobo.globo.com/noticias/noticia/2011/11/rio-de-sempre-as-livrarias-416808.html>. Acesso em maio 2017.



inclusive da data em que fora pela primeira vez lá, dia 1º de junho de 1916, pois neste dia recebera de presente do tio Salles um livro, no qual escrevera a data. O livro era a tradução inglesa dos contos de Hans Andersen - *Andersens's Fairy Tales* – livro lido e relido por Nava ao longo de sua vida, como forma de coexistir com sua infância. É no livro e na sua infância (atingida através do livro), que também encontra a amável imagem do tio Salles.

O papel do meu livrinho está todo amarelo de ser lido há cinqüenta e seis anos; o couro de sua capa gasto e feio; seus dourados desmerecidos e embaçados. Seu cheiro é de mofo e coisa velha. Mas basta que eu comece a sua releitura para senti-lo novo em folha, claras páginas, iluminuras resplandecentes, dorso reluzente. E logo um sangue menino circula em minhas veias e readquire ouvidos para ouvir realmente o grito da fada paradisíaca. Come with me, come with me. Vou. (NAVA, 1977, p. 208-209).

É nesse livrinho que Pedro Nava reencontra a bela e dolorosa lembrança de um tempo passado, tempo de fantasia, tempo de alturas estelar: a infância. Através da leitura Pedro Nava se deixa levar às alturas em seu balão cativo, para ali ficar na sua infância-estrela, “para sempre na estrela”:

Subo tempo afora deslastreando o passado, alestado do presente. Entro, para ficar. Para ficar na infância-estrela, para sempre na estrela – in that bright sparking star, for ever! Ai! de mim que estou subindo apenas num balão cativo, ai! cativo! de que a roldana vai puxar o cabo e fazê-lo voltar inexoravelmente ao chão! (NAVA, 1977, p. 209).

Leitura: possibilidade ilimitada de voos, fantasias, lembranças, novidades. Oportunidade de conhecimentos, saberes, aprendizagens. Local do imaginário, do além-mundo, do além-eu. Teletransporte para as alturas, os subterrâneos, os adentros... Leitura: pedra filosofal na vida de Pedro, do Nava e de tantos outros. Pedra filosofal que me levou a conhecer Pedro Nava e a voar em seu *Balão Cativo!* E assim, Pedro Nava me cativou, em seu *Balão Cativo* me levou: acima dos morros do Imperador e do Barro Vermelho, sobrevoando a Serra do Cural e o Engenho Velho, com suas infinitas memórias viajei longe... Infância, quintal, frutas, animais, família, casas, dores, solidão, alegria, escolas, amigos, lições... para sempre lições das aulas: "Era a verdadeira viagem sempre começada jamais findada..." (NAVA, 1977, p. 334).



REFERÊNCIA:

NAVA, Pedro. **Balão Cativo - Memórias 2**. 3a ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1977.

Artigo submetido em 2017-05-30 e publicado em 2018-05-21